

O INTELLECTUAL HOMENAGEADO

BENEDICTO MONTEIRO

(1924-2008)

“A universalidade alcançada por tão abrangente obra, e que a torna representativa do regional na medida em que o vincula ao nacional e ao mundial, é a universalidade concreta nos vários contextos – lingüísticos, sociológicos, religiosos, políticos – ‘cabalmente latino-americanos’, como diria Alejo Carpentier, assimilados por esse texto. Benedicto Monteiro escreveu o primeiro romance contextual da realidade Amazônica”.

Benedito Nunes

“Abarcar num grande painel literário o drama e a agonia da Amazônia neste século é a ambição principal de Benedicto Monteiro. E como tudo o que se refere à Amazônia tornar-se superlativo, a empresa deste escritor brasileiro do Pará tem sido uma extraordinária revelação”.

Márcio Souza

*“Mais olhos ninguém teve do que Bené para ver e sofrer e comunicar a dor e o gozo milagroso de ser amazônida. Para tanto, Bené se encarna em Miguel, malazarte-macunaíma das barrancas, no seu ofício de emprenhador, festejado das mulheres de todas as raças invasoras. Sua tetralogia – **Verde Vagomundo** e **Minossauro**, que se completa com a **Terceira Margem** e **Aquele Um** – é o espelho que se compôs até hoje para ver a Amazônia.”*

Darcy Ribeiro



Benedicto Monteiro: romancista dos amazônidas*

Falar da profunda mata e dos mil tipos de verdes que brilham refletidos em nossos rios, igarapés e chuvas é tarefa para mestres. Benedicto Monteiro, o famoso Bené, foi especialista em transformar a vida do amazônida em romance, poesia, arte. Pisciano nato, o nascido em Alenquer deixou toda a sua sensibilidade durante a vida em um legado de obras que relatam o cotidiano das pessoas próprias a ele. Para Benedicto, o homem paraense e a diversidade do Estado ao seu redor já era o suficiente para que a inspiração surgisse. O resultado de tanta devoção pelas letras fez dele um dos melhores autores e relatores da região.

Chegou a estudar em um colégio tradicional de Belém, porém, completou os seus estudos de ginásio no Rio de Janeiro, onde cursou Direito na Universidade do Brasil. Ainda no Rio, decidiu exercer o jornalismo. Logo viu que o gosto pelas letras seria para o resto da vida. Foi neste período que publicou o 'Bandeira Branca', seu primeiro livro de poesia, prefaciado pelo escritor Dalcídio Jurandir.

Ao todo foram 20 livros publicados pelo escritor Benedicto Monteiro, que costumava contextualizar a história do Pará, com todas as suas nuances e dimensões, resgatando, de forma didática, os valores da rica cultura paraense. Seu livro de contos 'O Carro dos Milagres' foi, durante vários anos consecutivos, recomendado como leitura obrigatória para o vestibular pela Universidade Federal do Pará e por outras entidades privadas de ensino superior. A mesma obra ainda serviu de roteiro para peças de teatro e filmes de curta metragem e ganhou prêmio pela Academia Paraense de Letras. Outro livro de Benedicto, 'A Terceira Margem', rendeu a ele o Prêmio Nacional de Literatura da Fundação Cultural do Distrito Federal.

Além do lado poético, era um verdadeiro pensador. As diversas obras do escritor neste segmento são reconhecidas não só no Brasil, mas, sobretudo, no Exterior. Países do

antigo continente como Portugal. Holanda, Itália e Alemanha usam os livros do autor traduzidos como objeto de teses de mestrado, doutorado e estudos acadêmicos. Especialmente na Alemanha, onde em tese de doutorado defendida pelo Professor Klaus Meyer Koeken, intitulada em português “A ilusão da oralidade no romance brasileiro”, destaca e considera o romancista brasileiro Benedicto Monteiro como um dos representantes da literatura brasileira no estilo de narrativa, colocando-o ao lado dos renomados escritores França Junior e Guimarães Rosa.

Do outro lado do mundo, nos Estados Unidos, sua obra literária foi objeto de estudo acadêmico de autoria do professor Macolm Silverman, da San Diego State University Califórnia, que em sua obra traduzida para o português como “Protesto e o novo romance brasileiro”, dá destaque ao livro do autor paraense ‘Verde Vagomundo’. Este estudo, com tradução de Carlos Araújo, foi publicado no Brasil e foi considerado um dos melhores periódicos de ensaios pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

HOMEM PÚBLICO

De grande inteligência e dedicação, Benedicto Monteiro exerceu os cargos de promotor Público, juiz de Direito e secretário de Estado em terras paraenses. Foi eleito deputado estadual, tendo sido cassado em 1964, pelo regime militar instalado. Neste período foi caçado pela ditadura nas matas de Alenquer, foi preso, torturado e marginalizado da sociedade, tendo seus direitos políticos suspensos por mais de dez anos. Depois que saiu da cadeia, dedicou-se ao exercício da advocacia agrarista e à literatura.

Também emprestou o seu conhecimento aos demais conterrâneos quando exerceu o magistério. Como professor convidado, ministrou palestras em Seminários e Cursos de Extensão Universitária e aulas de Direito Agrário em instituições de ensino superior. Se não bastasse, ainda encontrava tempo para compor músicas com temas amazônicos. Redemocratizado o país, foi eleito Deputado Federal e foi reeleito para a Assembleia Nacional Constituinte. Criou a Procuradoria Geral e a Defensoria Pública do Estado do Pará e foi o primeiro Procurador Geral do Estado. Ainda foi membro da Academia Paraense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e da Academia Paraense de Jornalismo. O Pará perdeu esse gênio das letras em 2008, com 84 anos.

Para a filha de Benedicto, Wanda Monteiro, ele serve de inspiração para outros paraenses voltados às letras, como ela mesma, que seguiu os passos do pai e atualmente é advogada e poeta. “Desde sua juventude todas as ideias e ações de

Benedicto estiveram voltadas para o ato de reverenciar seu Estado e para a defesa de suas terras, seus rios, suas matas, sua fauna, flora e, sobretudo, o bem estar do povo paraense. Ele lutou a vida inteira por isso e por muitas vezes que se foi morto por esses ideais”.

Por que se orgulhar?

Benedicto Monteiro foi um dos grandes escritores que o Pará já teve, tanto como autor de teses de direito quanto de obras literárias, principalmente os romances que envolviam o mundo do homem da Amazônia. Ainda contribuiu para o crescimento do Estado como político, professor, jornalista e poeta.

*Publicado na versão *on line* da seção “Orgulho do Pará” do jornal Diário do Pará, no dia 31/03/2010, às 09h18, conferir em <http://diariodopara.diarioonline.com.br/>

TRAÇOS BIOGRÁFICOS

(Publicado antes da morte de Benedicto Monteiro com o título “Dados biográficos do autor”, no livro *O carro dos milagres*, em 1990.)

Benedicto Monteiro (Benedicto Wilfredo Monteiro), filho de Ludgero Burlamaqui Monteiro e Heribertina Batista Monteiro, nasceu no Baixo-Amazonas, na cidade de Alenquer, Estado do Pará, em 1º de março de 1924. Fez o curso primário no Grupo Escolar de Alenquer e o Curso de Humanidades no colégio marista Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, Estado do Pará. Coursou o Científico no Colégio Rabelo, iniciando também os estudos de Direito na Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro. Diplomou-se bacharel em ciências jurídicas sociais pela Faculdade de Direito do Pará. Exerceu a Magistratura e o Ministério Público. Foi eleito deputado estadual por duas legislaturas. Foi também Secretário de Estado de Obras, Terras e Águas. Publicou em 1945, no Rio de Janeiro, pela Editora Zélio Valverde, seu primeiro livro de poesia – *Bandeira Branca*. É advogado militante, casado, com cinco filhos e mora em Belém do Pará. Cassado em 1964 pelo golpe militar.

As obras de Benedicto Monteiro são dedicadas ao fabuloso verde vago mundo da Amazônia. Mas não a Amazônia vista “de fora” – turística ou espetacular (embora, aqui ou ali, isto apareça sem intenção expressa), e sim, vista “por dentro” e revelada “de dentro”, em sua realidade total, multifacetária: ecológica, humana, psicológica, social, na linguagem e nos conceitos, na gente e nos bichos, no ar, na água, na selva, nas

idades, nos hábitos e tradições, no misticismo e na descrença, nas lendas e nos fatos, nos sons e nas cores. Sua trilogia – *Verde Vagomundo*, *O Minossauro*, e *Terceira Margem* – e a novela *O carro dos milagres*, realizam um desbravamento no sentido inverso da progressão da já lendária estrada. É uma picada cultural transamazônica que nasce nos igarapés e atinge os centros urbanos deste país-continente. Sua primeira obra em prosa – *Verde Vagomundo* – foi definido por Jorge Amado como “uma beleza de romance” e por Benedito Nunes como “o primeiro romance contextual da realidade amazônica”. Leo Gibson Ribeiro afirma: “o talento literário mais límpido e seguro que este ano explodiu na literatura brasileira”. Lucio Flávio Pinto – em um ensaio sobre *O Minotauro* – assinala: “Ele é talvez o maior romancista deste mundo amazônico ainda não atingido pelas frentes de penetração, guiado pelos rios, marcado pelo tempo sem tempo, sem indicadores ‘civilizatórios’, a página do Gênesis ainda não escrita, na expressão de Euclides da Cunha”.

Fonte: UFOPA – Universidade Federal do Oeste do Pará.